

LEMBRANÇAS DE CARNAVAL

"4 traicões"

PARA responder, há tempos, a uma enquete de jornal, fiz um esforço para apurar minhas primeiras lembranças carnavalescas. Vi-me a mim mesmo e a meu irmão, muito pequenos mas de calças compridas, uma faixa vermelha na cintura, com bigodes e costeletas pintados a rôlha queimada... De pouco mais me lembro, mas creio que éramos nada menos do que mexicanos. Também tenho uma vaga noção de que cheguei a apache, mas não estou muito seguro.

O que me encantava, e até hoje me seduz no carnaval, era a transfiguração das pessoas. As pessoas grandes que eu via todo dia em Cachoeiro, sérias, em seus trajes vulgares, de repente viravam piratas, cowboys, esqueletos, cossacos, índios, sultões, mosqueteiros, palhaços, cozineiros, almirantes. De um certo ponto de vista parece que eu "acreditava" um pouco nas fantasias, isto é, passava a associar aquelas pessoas às fantasias que tinham usado no carnaval, como se essas fantasias fôsem a sua verdade secreta. O disfarce era uma revelação, eis o que eu sentia inconscientemente.

★

O cheiro dos lança-perfumes, os confetes, as serpentinas, a música, tudo era transfiguração. Para o adolescente tímido, as mocinhas deixavam de ser intocáveis ao mesmo tempo que ficavam muito mais maravilhosas — ciganas, piratas de coxas nuas, odaliscas, bailarinas, pierretes.

Só no carnaval eu tinha coragem de dançar; êle é a grande festa dos tímidos. Môças que passavam por mim na rua apenas murmurando um "bom-dia", com um rápido olhar — que milagre! — no carnaval sorriam, cantavam para mim, olhos nos olhos, se deliciavam com o jato de meu lança-perfume, deixavam que eu enchesse seus cabelos de confetes, que as prendesse eternamente com voltas de serpentina — e havia momentos de quase êxtase no tumulto das danças.

★

Havia uma instituição espantosa para nossa cidade pudica: era, digamos assim, o carro das mulheres. Naturalmente um grande carro aberto cheio de mulheres fantasiadas, a jogar serpentinas, empunhando bisnagas de cem gramas, pintadíssimas, alegríssimas, passeando escanda-

losamente no meio da gente e dos carros familiares, entre blocos de mocinhas. E todo ano havia um rapazinho que se embriagava e saía no carro das mulheres. Ia ali abraçado a duas gordas, empunhando uma garrafa de cerveja, enfrentando a censura das famílias, mostrando que já era homem, que era farrista, que era um perdido.

O môço de família que tinha a coragem suprema de fazer essa exibição me parecia um herói do vício. Môças recusavam-se a dançar com êle na noite seguinte, no baile dos Caçadores; era, durante algum tempo, um intocável, um imundo. Mas os homens mais velhos comentavam aquilo sorrindo, com simpatia: rapaziadas...

★

Ainda peguei o carnaval do Rio do tempo da calçada do Jockey, onde ficavam as môças mais distintas. Desentoadado, sem ritmo, feio e tímido, nunca cheguei a ser um folião, mas o espetáculo do carnaval me fascinava, e fui passageiro do iate "Laranja" no ano em que Lúcio Rangel dançou horas com Araci de Almeida, magrinha, trepada em seus ombros, ainda entrei em "sujos" no Catete, fiz curso na Avenida, penetrei em bailes de cassino, apanhei em briga no High Life sem saber por que nem de quem, acordei uma terça-feira num apartamento do Leme entre uma rôdo metálica e uma senhora loura fantasiada de "Noite" cujo nome ignorei para todo o sempre. Acordei pelas dez da manhã com o telefone tocando — e desapareci silenciosamente, como um ladrão.

★

Mas no meio do baile, da embriaguez, da exaltação do carnaval, há aquêlo momento terrível em que o mau folião cai em si e de repente se sente triste, triste de morrer, e sòzinho, infeliz, e tem vontade apenas de ir para um canto, sentar no chão, vomitar, chorar, morrer.

Essa tristeza dô carnaval eu já senti muitas vêzes, mas me impressionou sobretudo em um sujeito enorme, fantasiado de toureiro, que eu vira saltando a noite inteira entre mulheres e encontrei sentado no chão, sòzinho, repetindo para si mesmo em voz alta: "eu sou um..."

Êle era uma coisa lamentável.